



Maria Elisa, Lúcio Costa, Tânia Batella, Carlos Mello e Jorge Jardim debatem Brasília.

Dez anos depois, Lúcio

Costa revê sua criação

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília 22 NOV 1984

Depois de dez anos, o urbanista Lúcio Costa retornou à cidade para visitá-la e conhecer o trabalho que sua filha, Maria Elisa, juntamente com outro arquiteto, está realizando sobre Brasília. O pequeno grupo de trabalho, a convite da Secretaria de Viação e Obras (SVO), está empenhado em fazer um levantamento confrontando o projeto inicial de Brasília com a realidade atual, buscando visualizar as alterações realizadas nestes 25 anos e, a partir daí, estabelecer direções para que não haja um distanciamento muito grande do memorial descritivo inicial.

Lúcio Costa confessou que não acompanhou o desenvolvimento da cidade que projetou, embora, durante todo este período, tenha sido membro nato do Conselho de Arquitetura e Urbanismo. "Nunca participei de nenhuma reunião do Conselho. Pessoalmente não posso criticar nada em Brasília", disse ele. Na sua opinião, a cidade não foi feita para badalações de turistas. "É uma cidade administrativa, feita para se trabalhar, uma cidade serena, onde o

turista não deve ficar mais do que dois dias", acrescentou, contestando que Brasília seja uma cidade fria, como muitos querem fazer crer. "As pessoas - disse ele - é que são frias".

Apesar das cidades-satélites não constarem dos planos iniciais, Lúcio Costa, as interpreta como resultantes da própria construção da nova capital, fase que atraiu muita gente de todas as partes do País em busca de emprego. Assim, é que os canteiros de obras se transformaram em núcleos e, posteriormente, em favelas, cuja erradicação se fez necessário, surgindo daí as cidades-satélites. Mesmo distantes do Plano Piloto, segundo ele, estes núcleos periféricos oferecem melhor condição de vida a estas pessoas do que aquela que alcançariam em suas cidades de origem. Referiu-se ao atleta Joaquim Cruz, para lembrar que foi exatamente em uma dessas cidades da periferia que nasceu o brasileiro ganhador de uma medalha de ouro nas Olimpíadas deste ano. Na sua opinião, as cidades-satélites são, na verdade, uma solução brasileira per-

feitamente normal, não representando nenhum perigo, pois não estão emendadas ao Plano Piloto.

Ele se disse ainda enormemente recompensado. "A cidade que inventei - embora apresente muitas diferenças, não estando tudo exatamente como pensei - é muito compensadora". Segundo ele, a capital diz algo de novo que não se encontra e nem se repete em outras cidades onde há crises urbanas. "A cidade tem vida, é muito humana e de grande potencial intelectual", acentuou.

Maria Elisa Costa esclareceu que o trabalho por ela iniciado há alguns meses é um balanço do que Brasília é hoje, sem, contudo, ter uma postura de patrimônio ou de restauração. Visa, sobretudo, observar, da origem, coisas que foram mal traduzidas e o que pode atender às necessidades atuais. "Brasília é Brasília e não Paris. Brasília agora é que tem a vitalidade urbana para a qual foi concebida. Apesar da vinculação com o período de autoritarismo, ela é um produto da criação livre.